



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Teologia e filosofia na obra dos primeiros apologistas cristãos

Theology and philosophy in work the first Christian apologists

*José da Cruz Lopes Marques**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a influência das correntes filosóficas gregas nas concepções teológicas dos Pais da Igreja. O estudo concentrar-se, principalmente, na obra dos apologistas cristãos dos dois primeiros séculos. O trabalho procura ainda refutar a ideia segundo a qual os teólogos patrísticos rejeitaram qualquer influência do pensamento grego e ainda que os pais não tinham qualquer conhecimento das filosofias de seu tempo. A pesquisa será feita a partir da análise das principais obras dos primeiros defensores da fé cristã, considerando, sobretudo, os paralelos entre as doutrinas filosóficas e a teologia cristã em seus primórdios.

Palavras-chave

Apologia. Patrística. Teologia. Filosofia.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the influence of Greek philosophical currents on the theological conceptions of the Fathers of the Church. The study focuses mainly on the work of Christian apologists of the first two centuries. The work also seeks to refute the idea that the patristic theologians rejected any influence of Greek thought and even that the parents had no knowledge of the philosophies of their time. The research will be based on the analysis of the main works of the first defenders of the Christian faith, considering, above all, the parallels between philosophical doctrines and Christian theology in its earliest days.

Keywords

Apology. Patristic. Theology. Philosophy.

[Texto recebido em 29/04/2015 e aceito em 15/08/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

* José da Cruz Lopes Marques. Graduado em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Rede Pública Estadual do Ceará. E-mail: markvani18@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

É bem conhecido da parte dos estudiosos da patrologia o questionamento emblemático de Tertuliano de Cartago sobre que relação poderia existir entre Jerusalém e Atenas, entre a Academia e a Igreja, entre os heréticos e os cristãos. Com esse questionamento, o apologista latino descarta claramente a dependência ou mesmo o uso da filosofia grega pela teologia cristã. Parafraseando as palavras do apóstolo Paulo, para o teólogo de Cartago, unir fé e razão era o mesmo que tentar combinar a luz com as trevas. O dito de Tertuliano parece sugerir que o pensamento cristão, em seus primórdios, foi totalmente alheio às correntes filosóficas greco-romanas que marcaram esse período. Alguns podem até supor, a partir de tal ideia, que os escritores patrísticos não cultivaram qualquer conhecimento sobre os conceitos filosóficos oriundos da Grécia, que eles, sequer, chegaram a ler uma obra filosófica, que foram homens completamente alienados em relação à cultura que lhes rodeava.

A fragilidade da suposição acima é revelada logo em uma leitura preliminar da obra dos Pais da Igreja. Quando se considera de forma mais específica os escritos apologéticos, o absurdo de tal conclusão é ainda mais evidente. Percebe-se, com efeito, que a filosofia grega não passou despercebida pela teologia cristã. Mesmo aqueles que, a exemplo de Tertuliano, Taciano e Hérmas, parecem rejeitar a influência dos sistemas filosóficos gregos, só o fazem depois de um cuidadoso estudo de tais conhecimentos. Acrescente-se a isso o fato que os apologistas listados acima representam vozes isoladas neste contexto. Uma análise mais detalhada dos documentos apologéticos demonstra que houve um intenso relacionamento entre teologia e filosofia durante a patrística. Revela ainda que este encontro foi mais harmonioso que conflitante, ao ponto de os apologistas se utilizarem de conceitos filosóficos gregos, aplicando-os à teologia cristã. Assim, o total estranhamento entre fé e razão que o dito de Tertuliano faz supor parece bem pouco plausível. Mesmo quando os Pais assumem uma postura crítica em relação à filosofia, percebe-se que o seu pensamento encontra-se permeado por conceitos filosóficos oriundos da Hélade. Assim, o presente artigo tem por finalidade indicar os elementos que apontam para uma familiaridade entre os teólogos patrísticos e as filosofias de seu tempo.

Conhecer para não crer e refutar

“É preciso conhecer para crer”,¹ diria Agostinho, mais à frente. Se nos fosse permitida a ousadia de fazer um acréscimo ao pensamento do Bispo de Hipona, diríamos que “é preciso conhecer para crer”, e muito mais para descrever. O estudo das obras dos apologistas demonstra que o conhecimento é fundamental, mesmo diante dos pensamentos que criticamos, refutamos e descremos. Sem um entendimento prévio, a

¹ *Ad tempora*. A sentença foi proferida por Agostinho em seu Sermão 43. (*Intellige ut credas, crede ut intelligas*).

crítica torna-se superficial, a refutação perde a lucidez e a descrença converte-se em desonestidade. Desse modo, parece uma conclusão precipitada supor que a fé dos primeiros teólogos cristãos era obstáculo para a sua reflexão. Como bem expressa Jean-Yves Leloup em seu clássico *Introdução aos verdadeiros filósofos*, “os Padres da Igreja eram, indissociavelmente, exegetas, filósofos e místicos. Grandes eruditos e grandes homens de oração”.² A suposição de que o Cristianismo advogava a ignorância completa em relação à cultura foi uma caricatura tendenciosa veiculada por nomes como Luciano de Samosata³ e Celso,⁴ ambos críticos declarados da doutrina cristã. De fato, os primeiros defensores da fé cristã demonstram um conhecimento considerável das filosofias de seu tempo. Neste capítulo do artigo, serão contemplados aqueles que se posicionaram de modo mais hostil em relação ao conhecimento filosófico. Em geral, eles dedicaram o seu vigor argumentativo para refutar os falsos ensinamentos de sua época, fossem eles expressos por meio da filosofia, da mitologia, da arte e da cultura em geral. Assim, julgam apressadamente aqueles que acreditam que a fé desses apologistas tolhia a sua reflexão. Abaixo, alguns elementos da refutação dos pensadores cristãos em relação à filosofia.

Refutação das contradições dos ensinamentos filosóficos

Em quase todos os apologistas, há referências às contradições dos filósofos gregos. Como não será possível analisar cada um em particular, Teófilo⁵ e Hérmiás⁶ serão tomados como exemplo. A principal obra apologética de Teófilo é intitulada *Três livros a Autólico* ou, simplesmente, *A Autólico*. Neste escrito, o bispo de Antioquia procura demonstrar o absurdo das acusações contra os cristãos, bem como o caráter razoável da

² LELOUP, J.-Y. *Introdução aos “verdadeiros filósofos”*: os padres gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 34.

³ Poeta satírico romano, autor de um veemente ataque contra as religiões de sua época. Sobre o Cristianismo, em tom sarcástico, ele afirma que os defensores dessa fé são pessoas ignorantes e mal orientadas por acreditarem que viverão eternamente.

⁴ Este filósofo romano foi autor da mais notável crítica à doutrina cristã dos dois primeiros séculos. Chegou, inclusive, a escrever um tratado denominado *A doutrina verdadeira*, no qual afirmava que os cristãos eram as pessoas mais incultas e ignorantes. O seu ataque foi tão devastador que Ambrósio rogou a seu amigo Orígenes que escrevesse uma resposta ao crítico da fé cristã. O pai alexandrino atendeu ao pedido e produziu o *Contra Celso*, texto no qual refuta os ataques do filósofo romano.

⁵ Natural de Antioquia, um dos principais centros da cultura helênica no mundo antigo. Foi o único dentre os apologistas que chegou ao episcopado. Segundo Eusébio de Cesareia, Teófilo foi o sexto bispo de Antioquia. O historiador da igreja atribui a Teófilo a autoria das seguintes obras: *Contra a heresia de Hermógenes*, *Contra Marcião*, *Sobre as origens da humanidade* e *Os três livros a Autólico*. Destes, apenas o último chegou aos nossos dias. As opiniões da crítica moderna sobre a produção de Teófilo são bastante distintas. Há aqueles que reconhecem a capacidade literária e a erudição do teólogo patristico. Há, contudo, aqueles que, a exemplo de A. Puech, consideram a sua obra bastante medíocre. Geffeken acrescenta que Teófilo sequer chegou a ler os filósofos que cita em seu livro.

⁶ Pouco se sabe sobre a origem desse apologista cristão. A não ser aquilo que pode ser deduzido da *Sátira dos filósofos gregos*, única obra de sua autoria que chegou aos nossos dias. Apesar do título, provavelmente, não é um filósofo no sentido estrito do termo, no entanto, demonstra um conhecimento razoável, ainda que panorâmico, das doutrinas dos filósofos gregos.

sua fé. Na sua argumentação, o apologista cristão revela o seu conhecimento dos sistemas filosóficos gregos ao apontar os erros e contradições dos filósofos. Ao falar, por exemplo, dos pensadores estoicos, demonstra como não há concordância entre os discípulos de Zenão. Alguns descartam completamente a ideia de Deus, outros defendem um Deus que não se preocupa com ninguém, apenas consigo mesmo. Há ainda aqueles que chegam a atribuir o governo do universo ao acaso, negando com isso a providência, ao mesmo tempo, afirmam que o Deus único é a consciência de cada dia.⁷ A crítica de Teófilo também se dirige à filosofia platônica. Nas suas palavras, os partidários desse sistema filosófico “confessam que Deus é incriado e Pai e Criador do universo; em seguida, porém, supõem que a matéria é incriada como Deus e que ela tem a mesma idade de Deus”.⁸ Algumas vezes, procurando deixar claro o absurdo de algumas doutrinas filosóficas, o pensador patrístico faz questão de citar o pensamento e indicar a fonte consultada:

Em primeiro lugar, Platão, que dentre eles parece ser o que filosofou com maior profundidade, no livro primeiro da *República*, legisla expressamente que as mulheres de todos devem ser comuns, alegando o exemplo de Minos, filho de Zeus e legislador dos cretenses, a fim de que, sob esse pretexto, os nascimentos sejam numerosos.⁹

Com o intuito de refutar as calúnias populares de que os cristãos praticavam a antropofagia, Teófilo faz questão de trazer à memória de Autólico que tal prática é ensinada por aqueles que são saudados como sábios e filósofos. Segundo ele, Zenão, Diógenes e Cleantes ensinaram que os pais deveriam ser cozidos pelos filhos e comidos por estes.¹⁰ A verdade é que, ao longo de sua obra, o teólogo patrístico evidencia um sólido conhecimento das doutrinas filosóficas de seu tempo. Em sua erudição, ele vagueia com bastante desenvoltura pelas escolas filosóficas gregas, apontando pormenores conceituais defendidos por seus principais expoentes. Com invejável sobriedade, ele caminha desde os pré-socráticos até os pós-socráticos, claro, sem deixar de lado os principais representantes da filosofia grega: Sócrates, Platão e Aristóteles. Nos *Três livros a Autólico* ele cita mais de trinta filósofos gregos. Em muitos momentos de sua argumentação, o conhecimento de Teófilo transcende os limites da filosofia, abrangendo a cultura geral. Percebe-se que ele é um estudioso atento da mitologia grega, sendo capaz não apenas de citar os principais divulgadores desse tipo de conhecimento, como apresentar os detalhes que cercam as narrativas mitológicas. Com muita precisão, ele aponta detalhes que envolvem a genealogia dos deuses. Também é digno de nota o conhecimento que este apologista tem dos poetas gregos, sendo capaz de apontar a

⁷ TEÓFILO. Três livros a Autólico. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

⁸ TEÓFILO, 2010, p. 232.

⁹ TEÓFILO, 2010, p. 276.

¹⁰ TEÓFILO, 2010.

distinção entre os trágicos Eurípedes e Sófocles e os cômicos Menandro e Aristófanes. Sabe, inclusive, que este poeta cômico foi autor de uma peça denominada *Os pássaros*.

Dentre os apologistas cristãos que procuram refutar a filosofia grega, Hérmiás, intitulado “o filósofo”, não pode ser negligenciado. Semelhante a Teófilo, a crítica desse apologista de origem incerta é fundamentada em um conhecimento razoável das ideias às quais refuta. A tese principal da crítica de Hérmiás é enunciada logo no primeiro capítulo de sua *Sátira dos filósofos gregos*: “quantos discursos sobre estas coisas, quantas disputas, quantas discussões de sofistas que discutem por discutir e não para encontrar a verdade”.¹¹ Segundo o teólogo patrístico, embora todos os filósofos reivindicuem a posse da verdade, não há concordância entre seus pensamentos. Onde estaria a verdade, ou melhor, é possível que exista verdade em ensinamentos tão contraditórios? Por exemplo, qual a origem de todas as coisas? No trecho abaixo, Hérmiás demonstra de forma sarcástica a confusão gerada pelas respostas apresentadas pelos filósofos gregos:

Se encontram a verdade, estejam ou ponham-se de acordo e eu de boa vontade vos darei crédito. Contudo, se me arrancam a alma e a arrastam de uma para outra natureza, de uma para outra substância, de uma matéria para outra, confesso que fico incomodado com esse flutuar das coisas. Num momento eu sou imortal e me alegro, pouco depois, já sou mortal e começo a chorar; depois me dissolvo em átomos, me transformo em átomos, transformo-me em água, ar e fogo. Logo depois, não sou mais nem água, nem ar, nem fogo, mas transformam-me em fera ou tornam-me um peixe.¹²

Seguindo de perto o raciocínio de Hérmiás, se os filósofos não foram capazes de definir com precisão e clareza a natureza do homem, tampouco serão capazes de entender a natureza de Deus. Sobre este ponto, a contradição entre eles é ainda mais evidente. Se não são capazes de encontrar a verdade diante de uma questão tão simples, como poderão chegar à verdade em relação à grandeza infinita de Deus?

Refutação da contradição entre o ensino e a vida dos filósofos

A importância da crítica bem fundamentada também pode ser encontrada no pensamento de Taciano. A síntese de sua apologia à fé cristã encontra-se em uma obra denominada *Discurso contra os gregos*. A refutação do apologista cristão baseia-se no fato de que os filósofos não vivenciam os ensinamentos que propagam. Em muitos casos, a sua conduta nega veementemente os princípios de sua filosofia. Uma moral marcada por um desacordo entre o discurso e ação não é digna de consideração. É evidente que, para fundamentar a sua crítica, o discípulo de Justino precisaria estar bem informado acerca

¹¹ HÉRMIAS. Escárnio dos filósofos pagãos. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 305.

¹² HÉRMIAS, 2010, p. 306.

tanto dos ensinamentos quanto das circunstâncias que envolveram a vida dos filósofos. É isso que pode ser visto ao longo de toda a apologia de Taciano. Nos capítulos dois e três do *Discurso contra os gregos*, temperando humor e lucidez, o teólogo patrístico, demonstra a discrepância existente entre o ensino e a vida dos mais eminentes filósofos gregos. Diógenes,¹³ aclamado por pregar a resignação, a independência dos prazeres e a moderação, teria morrido com cólicas insuportáveis depois de comer um polvo cru; Aristipo, mantendo uma aparência de gravidade, entregava-se à dissolução. Nem mesmo Platão é poupado na crítica de Taciano. Segundo ele, o fundador da Academia, com toda a sua filosofia exaltando a prática da virtude, fora vendido como escravo por Dionísio por conta de sua glotonaria.¹⁴ Alguns, julgados sábios por seus conterrâneos, cometeram os atos mais absurdos e irracionais. Heráclito, por exemplo, ostentando o conhecimento da filosofia e da medicina, “envolveu-se em estrume de boi e, quando este endureceu, produziu convulsões em todo o seu corpo e ele morreu de espasmo”.¹⁵ Empédocles,¹⁶ por sua vez, dizendo-se Deus, teria saltado dentro da cratera do vulcão Etna. O próprio Crescente, filósofo estoico que movera a acusação que culminaria na morte de Justino, era um reconhecido pederasta. Muitos que pregavam a ascese, afirma Taciano, recebiam uma pensão anual do imperador romano de seiscentas moedas de ouro.

Os exemplos listados acima servem para confirmar a proposição invocada no discurso de Taciano. Toda a suposta sabedoria dos filósofos gregos não tinha lhes tornado homens melhores. Tratava-se, portanto, de um conhecimento movido pela soberba, pela intemperança e pela falsidade. A tese do apologista deixa o seguinte questionamento implícito: devem ser dignos de confiança aqueles que, mesmo tendo exaltado a virtude em seus discursos, viveram de forma tão contrária a ela? Este procedimento, marcado pelo desacordo entre ensino e vida, é absurdo para Taciano.¹⁷ Para ele, que aprendera com

¹³ Conta-se que, certa vez, Diógenes foi surpreendido se masturbando em público. Como resposta às pessoas que criticavam seu comportamento indecoroso, teria afirmado: “não se pode viver massageando apenas a barriga”.

¹⁴ TACIANO. *Discurso contra os gregos*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

¹⁵ TACIANO, 2010, p. 67.

¹⁶ Um dos fragmentos de Empédocles preservado por Diógenes de Laércio demonstra que a afirmação de Taciano é procedente. “Ando entre vós como homem imortal, não mortal. Honrado entre todos, coroado de fitas e grinaldas de flores. Logo que entro com elas em minhas comitivas, nas cidades florescentes, tanto os homens quanto as mulheres rendem-me culto, seguem-me multidões incontáveis, perguntando qual o caminho que devem tomar. Alguns desejam oráculos, enquanto outros, atormentados por enfermidades, desejam ouvir de mim a palavra que cura”. Segundo a tradição, Empédocles saltou na cratera do Etna exatamente para provar aos seus contemporâneos que seria elevado aos céus como um Deus.

¹⁷ Em termos filosóficos, este argumento de Taciano poderia ser considerado falacioso. Ele poderia ser qualificado como uma espécie de *argumentum ad hominem*, erro que consiste em atacar uma pessoa para tentar refutar o que ela defende, ou elogiar uma pessoa para apoiar o que ela defende. No entanto, à época, este argumento era bastante empregado nos debates.

Justino a “verdadeira filosofia”¹⁸ e sabia que a ação deve seguir a palavra, esta contradição servia para realçar a falsidade dos ensinamentos dos filósofos gregos.

Mesmo alguém como Atenágoras, bastante receptivo à filosofia grega, não deixa de notar as contradições existentes entre o ensino e o modo de vida dos mais ilustres filósofos. No seu entender, estes mestres “passam as vidas aprofundando com má intenção seus próprios mistérios, estão sempre desejando fazer algum mal, pois professam não uma demonstração de obras, mas uma arte de palavras”.¹⁹ Para o mestre ateniense, a superioridade dos cristãos estava exatamente na correspondência entre sua doutrina e sua conduta diária. Eles não aprendiam discursos de cor, podiam não saber analisar os silogismos e os axiomas, mas demonstravam a grandeza de seus ensinamentos por meio de boas ações.

Mesmo o refutador não escapa à influência

O leitor perspicaz das obras dos primeiros apologistas cristãos perceberá que, mesmo aqueles que se dedicam à refutação do conhecimento filosófico, não estão alheios às influências deste saber; ainda que eles descartem os sistemas filosóficos em sentido mais abrangente, são capazes de absorver elementos destas escolas que parecem corroborar e elucidar os seus ensinamentos. Um clássico exemplo desta tendência pode ser encontrado em Taciano, já referido neste capítulo. O discípulo de Justino, mesmo a despeito de seu baixo conceito em relação à cultura grega, demonstra a influência platônica ao defender em seu *Discurso contra os gregos* que a matéria é inferior ao corpo. Em um trecho da obra mencionada, percebe-se claramente que o teólogo patrístico não conseguiu evitar o contato com o pensamento da Academia:

Por isso, quando a alma vive sozinha, inclina-se para baixo, para a matéria, morrendo juntamente com a carne, mas formando parêntese com o Espírito de Deus, já não carece de ajuda e se levanta às regiões onde o Espírito a guia. Porque a morada do Espírito está no alto, mas a origem da alma está embaixo. Originalmente, o Espírito habitava com a alma, mas ao não querer seguir-lhe o Espírito a abandonou, e ela, que conservava como um resplendor de seu poder, mas que pela separação já não era capaz de contemplar o perfeito, em sua busca de Deus, passou a seguir multidões de demônios embusteiros.²⁰

¹⁸ Segundo Leloup, a expressão “verdadeira filosofia” empregada por Justino, servia para demonstrar que a doutrina cristã, diferente das filosofias gregas, defendia a correspondência entre o ensino e a vida.

¹⁹ ATENÁGORAS. *Petição em favor dos cristãos e Tratado sobre a ressurreição*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 132.

²⁰ TACIANO, 2010, p. 81.

Alguém que possua um conhecimento elementar da filosofia platônica, ao ler as palavras do apologista cristão, recorda de imediato do famoso Mito da parelha alada,²¹ o qual Platão apresenta em seu *Fedro*. Segundo o filósofo grego, a alma racional é conduzida por dois corcéis. O primeiro corcel é atrofiado, lascivo, desobediente e arrasta a alma para o mundo sensível, o mundo material, já o segundo é justo, obediente ao cocheiro e conduz a alma para o mundo ideal. É claro que a versão de Taciano é um pouco diferente, em virtude da inclusão da doutrina da queda e do conceito monoteísta por parte do apologista. Mesmo assim, é praticamente impossível não encontrar uma relação entre os dois pensamentos. Parece que precisaríamos sussurrar para Tertuliano que a distância entre Jerusalém e Atenas, entre o Templo e a Academia é bem menor do que ele supunha.

Conhecer para crer e aplicar

Werner Jaeger destaca com bastante propriedade a realidade dessa segunda tradição ao afirmar em seu *Cristianismo primitivo e Paidéia grega* que “sem a cultura grega o Cristianismo teria sido impossível como uma religião mundial. A pregação de Paulo no ambiente cultural helênico foi o início da cristianização do mundo grego e, por sua vez, a cultura grega terminou helenizando o Cristianismo”.²² Isso porque os primeiros cristãos, gregos e romanos, tiveram que lidar com a nova doutrina e apresentá-la aos seus contemporâneos de acordo com os padrões da sua época, ou seja, dentro do modelo da tradição cultural helênica.²³ Veem-se com clareza os elementos da tradição favorável ao uso da filosofia nas várias noções e doutrinas greco-romanas que os apologistas lançam mão em sua ardorosa defesa da fé. Abaixo, serão listadas e discutidas as principais.

A doutrina do logos

Indiscutivelmente, o *logos* era um conceito bastante corrente no pensamento grego desde a filosofia pré-socrática. Este fato é atestado por Justino na sua *Apologia*. Em Heráclito, o termo aplicava-se ao princípio cósmico que conferia racionalidade ao mundo, do mesmo modo que a razão humana era responsável pela ação humana. Em Parmênides, o *logos* não pertencia ao mundo das aparências, mas à realidade das existências puras. Górgias de Leôncio, representante da escola sofista, afirmou que “o *logos* é o grande

²¹ Ecos desse relato podem ser encontrados em vários trechos da obra *Discurso contra os gregos*, como se vê no fragmento seguinte: “de fato, o mundo ainda nos arrasta para baixo, e por causa da minha fraqueza busco a matéria. As asas da alma são o espírito perfeito, e quando o pecado tirou-lhe o espírito, a alma ficou pairando como um pássaro implume, veio arrastar-se por terra e, por ter saído da convivência celeste, desejou a convivência das coisas inferiores”.

²² JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e Paidéia grega*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 16.

²³ LANE, T. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*. v. 1. São Paulo: Abba Press, 1999.

soberano que pode levar a efeito coisas supremamente divinas”.²⁴ Em Isócrates, a expressão está relacionada ao poder pedagógico responsável pela reprovação dos homens maus e exaltação dos bons. Em Platão, o *logos* é empregado como pensamento, razão, discurso, manifestação, etc.²⁵ É apenas no Estoicismo que surge a ideia do *logos spermátikos*, aplicado à semente divina presente em todas as coisas. Crisipo, em sua tendência ao panteísmo, afirmava que toda a matéria estava impregnada pelo *logos*. Plotino usava o termo como uma emanção do espírito para dentro do mundo material. “Este *logos*, em virtude de permear todas as coisas, fornece a ordem racional do universo e provê o padrão para a conduta e para a adequada ação do homem racional. Portanto, o homem racional é aquele que vive de acordo com as determinações do *logos*”.²⁶ Até mesmo na chamada filosofia hermética, a figura do *logos* está presente. Nessa escola de origem egípcia, o termo refere-se à expressão ativa da mente de Deus. Em seu poder criador e formativo, o *logos* invade o caos e estabelece a ordem. Ladd acredita que até mesmo na literatura vétero-testamentária há indícios do *logos*. Ele seria um equivalente da sabedoria divina personificada por Salomão nos livros de Provérbios²⁷ e Sabedoria.²⁸

Qualquer tentativa de uma relação entre teologia e filosofia não pode deixar de considerar a doutrina do *logos*. Talvez, nesta doutrina, esteja uma das maiores evidências da possibilidade de um diálogo entre a doutrina cristã e a cultura da época.²⁹ Não há como negar que os teólogos patrísticos romperam com a compreensão ideal do *logos* legada pelos autores gregos, amparados pela doutrina da encarnação do Verbo (Jo 1.14), não obstante, a aplicação do conceito é evidente em seus ensinamentos. Bethune-Baker, em um capítulo denominado *The logos doctrine*, demonstra que vários escritores eclesiais se utilizaram do conceito do *logos*, mesmo aqueles sem muitas pretensões acadêmicas como Inácio de Antioquia.³⁰ Entre os apologistas, o emprego da doutrina do *logos* é ainda mais expressivo. O autor da *Carta a Diogneto*, por exemplo, defende a origem divina do Cristianismo baseado, sobretudo, na doutrina da encarnação do *Logos*. Atenágoras, em sua *Petição em favor dos cristãos*, ao defender a racionalidade da fé monoteísta e trinitária, afirma que existe beleza e ordem no universo porque o *Logos* divino é criador, ordenador e sustentador de todas as coisas.³¹ Em um uso semelhante, Teófilo nos diz que Deus, por meio do *Logos*, fez todas as coisas, sendo sua potência e sabedoria. Foi o *Logos*,

²⁴ COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 430.

²⁵ MATSUMOTO, M. *São Paulo e os problemas do paganismo: ensaio sobre a cultura helênica em relação à pregação de São Paulo e temas polêmicos*. Belém: UFPA, 2002. p. 61.

²⁶ LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Exodius, 1997. p. 225.

²⁷ “A sabedoria clama pelas ruas e eleva a sua voz em praça pública” (Pv 1.20).

²⁸ “Do alto do céu a tua Palavra onipotente se lançou do trono real, como um guerreiro inexorável, para o meio daquele país destinado ao extermínio... Deteve-se e encheu de morte tudo” (Sb 18.15-16).

²⁹ MATOS, A. S. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

³⁰ BETHUNE-BAKER, J. F. *An introduction to the early history of Christian doctrine: to the time of the Council of Chalcedon*. 2. ed. London: Methen & Co. Ltd., 1903.

³¹ ATENÁGORAS, 2010.

complementa, “que se apresentou no jardim em figura de Deus e conversava com Adão”.³² Taciano, mesmo a despeito de sua rejeição à filosofia grega, também recorre ao conceito grego do *logos* em sua defesa da fé cristã. De fato, o apologista sírio defende que o *Logos* procede do Pai não por meio de um processo de divisão, mas por aquilo que ele designa *participação*. Vê-se que, ao recorrer à doutrina do *Logos participativo*, o autor do *Diatessaron* tenciona conservar a integridade da essência divina. O Pai não teve a sua essência diminuída ao comunicar parte de si ao *Logos*. Segundo nos diz o teólogo patrístico, “o que se divide, fica separado do primeiro, mas o que se faz por *participação*, tomando um caráter de dispensação, não deixa em falta aquilo de onde se toma”.³³ A tocha, ilustra, não perde sua luz ao acender muitos fogos.

Não obstante, dentre os apologistas do segundo século, aquele que melhor aprofundou o conceito do *logos* foi, certamente, Justino Mártir. De fato, este pensador edificou o seu sistema teológico-filosófico tendo como base a doutrina do *logos spermatikos*.³⁴ Em sua argumentação, Justino se utiliza desse conceito para justificar a existência de verdades em outros sistemas de pensamento anteriores ao Cristianismo. Para ele, este fato, longe de contrariar a validade da doutrina cristã, expressa a relação entre o *logos* e a verdade. As proposições a seguir resumem o pensamento justiniano acerca do *Logos*: 1) existem verdades em sistemas à parte do Cristianismo; 2) a existência destas verdades se justifica pela presença do *Logos* infinito em todo ser humano; 3) antes de Cristo, os homens têm apenas uma semente do *Logos*, o que justifica os seus erros e contradições. Ou seja, eles têm acesso à verdade apenas parcialmente; 4) aqueles que viveram de acordo com a semente do *Logos*, mesmo antes de Cristo, são considerados cristãos; 5) só os cristãos têm o *Logos* por inteiro. Por isso, toda a verdade pertence a eles. A doutrina do *Logos spermatikos* desenvolvida por Justino e outros apologistas desse período assegura a existência de um terreno comum entre teologia e filosofia, um ponto de convergência entre a doutrina cristã e a cultura geral. Ou, como afirma McGrath, por meio desse conceito, o universo da filosofia grega é colocado firmemente dentro do contexto do Cristianismo.³⁵

A ideia de um motor primordial responsável pela existência

³² TEÓFILO, 2010, p. 252.

³³ TACIANO, 2010, p. 69.

³⁴ Segundo Paul Tillich, Justino se valeu das doutrinas estoicas acerca da imanência e transcendência do *Logos*. O *Logos* divino é *endiathetos*, ‘que habita’ em Deus. Esse mesmo *Logos* eterno, pelo qual Deus se expressa a si mesmo, torna-se na criação o *Logos prophorikos*, ‘procedente’ de Deus, na direção do mundo. Contudo, não há como negar que o caráter material (*Logos* encarnado) não é reconhecida pelos filósofos estoicos. Alister McGrath, entretanto, defende que o Mártir teria se valido do Platonismo.

³⁵ MCGRATH, A. E. *Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

A ideia do motor imóvel, formulada por Aristóteles cerca de trezentos e cinquenta anos antes de Cristo, ao que parece, foi empregada pelos apologistas em sua argumentação. Exemplo claro dessa apropriação pode ser encontrada na *Apologia* de Aristides. De fato, o teólogo ateniense inicia a sua obra fazendo uma aplicação do argumento aristotélico do movimento³⁶ ao Deus cristão. Depois de falar brevemente acerca da ordem existente no mundo, ele faz a seguinte declaração: “vendo que o mundo e tudo quanto nele há se move por necessidade, entendi que quem o move e o mantém fortemente é Deus, porque tudo o que move é mais forte do que o movido, e tudo o que mantém é mais forte do que o mantido”.³⁷ A existência do movimento, a fim de evitar uma regressão ao infinito, necessita de um primeiro motor, o Deus a quem Aristides qualifica como eterno, sem necessidade e sumamente perfeito. É óbvio que, para o apologista cristão, Deus não se restringe a uma força impessoal, a um mero motor que principia o movimento do mundo. Prova disso é a doutrina da encarnação de Cristo defendida por Aristides. Por meio da encarnação, Deus estabelece uma relação pessoal com o homem.

Não há como negar o teor filosófico neste fragmento introdutório de Aristides. Segundo Frangiotti, além de evocar a doutrina aristotélica, o apologista de Atenas faz referência ao pensamento do seu compatriota Platão ao sugerir a ideia de uma ordem no mundo, bem como à noção estoica de providência. O pensamento de que os apologistas não possuíam qualquer conhecimento filosófico precisaria atribuir ao mero acaso a referência a três sistemas filosóficos feita por Aristides na introdução de sua obra. Sobre este assunto, pode-se ainda ressaltar o uso feito por Atenágoras da concepção platônica. Depois de invocar o pensamento platônico segundo o qual Deus seria o responsável pela criação do universo, arrazoa: “se Platão não é ateu por entender que o artífice do universo é um só Deus incriado, tampouco, muito menos o somos nós, por saber e afirmar o Deus, por cujo Verbo tudo foi fabricado e por cujo Espírito tudo é mantido”.³⁸

Moral teológica e moral filosófica

Os principais sistemas filosóficos greco-romanos já tinham lançado os fundamentos de suas concepções éticas quando o Cristianismo surgiu. Durante o segundo século, uma das concepções éticas mais influentes era proveniente da filosofia estoica. O contato dos apologistas com a doutrina moral do pórtico foi inevitável. Para ser mais preciso, os primeiros defensores da fé travaram relações com ética estoica em sua versão latina, a partir das formulações de Sêneca, Epiteto, Marco Aurélio e outros. De fato, os

³⁶ A formulação original desse argumento pode ser encontrada na *Metafísica* de Aristóteles (Livro XII, cap. 8). Nesta seção, o filósofo grego introduz a famosa ideia do motor-imóvel. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969.

³⁷ ARISTIDES. *Apologia*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 29.

³⁸ ATENÁGORAS, 2010, p. 127.

documentos patrísticos levam a crer que o diálogo entre Cristianismo e Estoicismo neste período foi bastante fecundo. Chegaram, inclusive, a circular cartas de um autor desconhecido apresentando uma suposta correspondência entre Paulo e Sêneca.³⁹ Embora seja quase unanimidade entre os estudiosos da patrística que estas correspondências não foram realmente trocadas entre o apóstolo cristão e o pensador estoico, a existência de tal texto demonstra, no mínimo, a possibilidade de um diálogo entre o Cristianismo e o Estoicismo neste contexto.

Os estudiosos da patrologia apontam muitos pontos de contato entre o Cristianismo e o Estoicismo, a saber, a ideia de um Deus único,⁴⁰ a existência de um espírito divino, um conceito tricotomista do homem⁴¹ e a recriação futura do universo.⁴² Contudo, é no campo da moralidade que há maior convergência entre a fé cristã e o pensamento estoico. Grosso modo, a ética estoica era baseada nos princípios de resignação, autocontrole, justiça e prudência. Além disso, exaltava o desapego aos bens materiais. No trecho a seguir, Sêneca apresenta de forma bastante enfática o seu desprezo para com as riquezas:

Passemos às riquezas, principal fonte de misérias entre os homens: pois, comparando-se todos os nossos outros perigos, prazeres, doenças, temores, desgostos, sofrimentos e preocupações de toda a espécie, com os males que nascem do dinheiro, será deste lado que muito claramente penderá a balança.⁴³

Alguns elementos da ética estoica foram muito bem recebidos pelos primeiros apologistas cristãos. Justino, como já vimos, engrandece o ensino da moderação que permeia a ética do pórtico. Em sua defesa da fé, os apologistas exaltam o modo de vida temperante, recatado, prudente e resignado, à semelhança dos seguidores de Zenão. Se tais filósofos haviam sido honrados por cultivarem semelhante proceder, os cristãos não poderiam ser acusados de imoralidade. O viver resignado enquanto legitimação da fé

³⁹ Em uma destas cartas, Sêneca elogia o apóstolo por considerar os seus escritos divinos. “Eu professo-me bem contente com sua carta aos Gálatas, aos Coríntios e aos Aqueus; e possamos todos viver juntos como você nos mostra inspirado com o frenesi divino. Pois é o Espírito Santo que está em si e bem acima de si que expressa estes pensamentos exaltados e adoráveis” (CARTA VII). Já em um trecho de uma suposta carta de Paulo ao filósofo, lê-se: “para a sua meditação foram reveladas aquelas coisas que a cabeça de Deus concedeu a poucos. Com confiança, então, eu semeio num campo já fértil uma semente muito prolífica, não material tal que seja suscetível à corrupção, mas palavra duradoura, uma emanação de Deus, que cresce e dura para sempre” (CARTA XIV).

⁴⁰ Os estoicos usam frequentemente a expressão *Uno Universal* para falar de Deus. Marco Aurélio, em especial prefere a expressão *Todo*.

⁴¹ O Estoicismo, assim como o Neoplatonismo, dividia o homem em *nous, psyche e soma* (mente, alma e corpo). Este conceito foi muito comum entre os pensadores patrísticos.

⁴² Os estoicos acreditavam que o universo passava por ciclos de destruição e recriação. Trata-se da doutrina da *Conflagração universal*. Esta ideia é utilizada por Justino em sua argumentação. Veja: “os filósofos estoicos têm por dogma que o próprio Deus se dissolverá em fogo e afirmam que, novamente, por transformação, o mundo renascerá” (I Apologia).

⁴³ SÊNeca. Da tranquilidade da alma. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 214.

cristã pode ser encontrado, por exemplo, na *Carta a Diogneto*. Enaltecendo o estilo de vida dos cristãos, o autor anônimo declara:

Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira; obedecem às leis estabelecidas, mas com suas vidas ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos.⁴⁴

A imortalidade da alma

No cenário filosófico dos primeiros séculos, há várias concepções sobre a natureza da alma e do homem em geral. As duas principais são aquelas defendidas pelo Platonismo e pelo Estoicismo. O primeiro sistema afirmava categoricamente a doutrina da imortalidade da alma. Segundo Platão, por conta de sua natureza imortal, a alma conserva a relação entre o homem e o mundo das ideias. Como o corpo é entendido como uma espécie de prisão da alma, o objetivo desta é libertar-se e voltar ao mundo ideal. O filósofo grego afirma a doutrina da imortalidade em vários de seus diálogos.⁴⁵ No *Fédon*, talvez seja o lugar onde ele se expressa com maior clareza. Falando pela boca de seu mestre Sócrates, o fundador da Academia afirma: “e a alma, este ser invisível, vai para um lugar análogo a ela, excelente, puro, invisível, ou seja, ao país de Hades,⁴⁶ para junto do deus repleto de bondade e sabedoria, lugar a que espero minha alma vá em breve, se o deus desejar”.⁴⁷

No Estoicismo também é esboçada uma doutrina da imortalidade da alma. Segundo esta filosofia, o homem é composto por matéria, o corpo animado por um fragmento do *logos*, a alma. No entanto, em relação à natureza da alma, o Estoicismo encontra-se em um dilema. Por um lado, ele é levado a negar a sua imortalidade, em virtude de seu materialismo. Por outro lado, ele reconhece a necessidade de preservar esta doutrina já que a alma é o fragmento do *logos* infinito presente no homem. Para solucionar este dilema, Zenão propõe que há na alma uma parte mortal e uma imortal à qual está mais diretamente relacionada com o *logos*. Sendo assim, na medida em que o homem se une ao *logos*, ele é imortal. Esta união, entretanto, não se dá sem a renúncia dos prazeres terrenos, conforme se observa neste fragmento de Sêneca:

⁴⁴ CARTA A DIOGNETO. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 22.

⁴⁵ No *Fédon*, outro de seus diálogos, Platão nos conta acerca da Alegoria da parelha alada, na qual sugere a existência de três almas. A alma racional (cocheiro), a alma irascível (primeiro cavalo) e a alma concupiscível (segundo cavalo).

⁴⁶ Na concepção grega, o Hades não é um lugar de sofrimento ou punição. Ou seja, ele não seria o equivalente do inferno na concepção cristã. O lugar que os gregos concebem como sendo de punição e sofrimento é denominado Tártaro.

⁴⁷ PLATÃO. *Fédon*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova cultural, 2004. p. 146.

Acanhada é a alma que as coisas terrenas deleitam; e é preciso arrancá-las dessas e levá-la para as que em toda parte aparecem igualmente e igualmente resplandecem. Devemos refletir que estes bens terrenos são obstáculos aos verdadeiros bens por causa das opiniões falsas e mentirosas: quanto mais compridos pórticos se constroem, quanto mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais profundas se escavam as grutas estivas, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas estas coisas nos escondem o céu.⁴⁸

Em sua argumentação, os apologistas cristãos se utilizaram das concepções filosóficas correntes sobre a imortalidade da alma. Justino, por exemplo, depois de demonstrar que esta doutrina já era ensinada por Empédocles, Pitágoras, Sócrates e Platão, faz a seguinte petição: “recebei-nos, portanto, pelo menos de modo semelhante a estes, pois não cremos menos do que eles em Deus e sim mais do que eles. Esperamos recuperar nossos próprios corpos depois de mortos, porque dizemos que para Deus não há nada impossível”.⁴⁹ Taciano vai além, não apenas invocando o conceito filosófico da imortalidade da alma, mas apresentando uma compreensão dessa doutrina muito próxima da concepção estoica. Segundo ele, “a alma não é imortal por si mesma, mas mortal; ela, porém, é também capaz de não morrer. Com efeito, ela morre e se dissolve com o corpo se não conhece a verdade; ressuscita, porém, com o corpo na consumação do tempo para receber como castigo a morte na imortalidade”.⁵⁰

A doutrina da providência

Já em seu encontro no Areópago com os filósofos estoicos e epicureus, o apóstolo Paulo recorrera ao conceito de providência divina aceito por estes filósofos. “Porque nele vivemos, e nos movemos e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito”,⁵¹ relembra o apóstolo em sua defesa. A filosofia estoica defendia claramente a doutrina da providência, o que pode ser comprovado no pensamento de Epiteto. Para ele, nada que lhe acontece pode lhe trazer impedimento ou coação, pois ele dispõe a sua vontade segundo a vontade de Deus. “Se Deus quer que eu tenha febre, também eu quero”,⁵² costumava afirmar o filósofo escravo. Marco Aurélio é ainda mais radical em sua doutrina da providência, conforme se observa no fragmento abaixo:

⁴⁸ SÊNECA, 1973, p. 209.

⁴⁹ JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias e Diálogo com Trifão. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Justino de Roma*. v. 3. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 35.

⁵⁰ TACIANO, 2010, p. 79.

⁵¹ Acredita-se que Paulo estaria fazendo referência a Epimênides, poeta e filósofo cretense que viveu no VI século aC. Embora, este autor seja anterior aos estoicos, não há dúvida que há relação entre ambos no que diz respeito à doutrina da providência. Do contrário, o autor não invocaria a autoridade do pensador cretense em seu favor.

⁵² *Ad tempora*.

Já te estava reservado desde a eternidade tudo quanto te acontece. Na mesma trama a tua existência e esse acidente serão tecidos, segundo o encadeamento fatal das causas... Todo homem que se aflige e se revolta parece-te como um leitão que se debate e grunhe ao ser imolado. Pois, iguala-se aquele que, sozinho, em seu leito, em voz baixa, lamenta dos laços que o prendem.⁵³

Sabendo que a doutrina da providência era aceita pelos sistemas filosóficos dos adversários, os apologistas cristãos, na construção de sua defesa, usam este princípio como uma espécie de ponto de partida. Atenágoras, por exemplo, se utiliza do ensino da providência em vários pontos de sua argumentação. Na sua *Petição em favor dos cristãos*, o apologista ateniense refuta, primeiramente, a acusação de ateísmo dirigida pelo vulgo aos cristãos. Como fundamento de sua refutação, ele reafirma a fé em um Deus providente. Segundo ele, tudo vem de Deus e, por meio dele, tudo foi ordenando e se conserva.⁵⁴ Este teólogo patrístico chega a fazer uma distinção entre a *providência universal* e a *providência particular*. A primeira é exercida por Deus que, com sua sabedoria comanda o universo, semelhante a um timoneiro que conduz um navio. Já a providência particular, é realizada pelos anjos por Ele encarregados. Atenágoras voltaria a empregar a ideia da providência divina em seu *Tratado sobre a ressurreição dos mortos*. Em resposta ao problema: como seria possível a ressurreição de pessoas cujo corpo fora ingerido por animais ou até mesmo pessoas? Seria possível alguém ressuscitar no corpo de outrem? Para Atenágoras, em sua providência, Deus não permite que haja confusão de naturezas, assegurando com isso a integridade da ressurreição. O fato de Deus ter feito o homem para a eternidade também demonstra a sua providência. Ademais, o Deus que realiza a sua providência na criação, trazendo do nada a existência das coisas, é o mesmo que opera a ressurreição a partir de algo já existente.⁵⁵

Deve-se ressaltar, não obstante, que os apologistas não foram ingênuos ao ponto de aplicar literalmente a noção filosófica de providência. De fato, eles empregaram apenas o conceito em sua acepção geral, tendo o cuidado de descartar as particularidades que pareciam contrariar a doutrina cristã. Em alguns casos, os pensadores patrísticos chegam a criticar a noção filosófica de providência. Isso pode ser visto, por exemplo, no fragmento de Taciano a seguir: “por isso, também acreditamos que acontecerá a ressurreição dos corpos depois da consumação do universo, não como dogmatizam os estoicos, segundo os quais as mesmas coisas nascem e perecem depois de determinados períodos cíclicos, sem utilidade nenhuma, mas de uma só vez”.⁵⁶ O exemplo da doutrina da providência

⁵³ MARCO AURÉLIO. *Meditações*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 98.

⁵⁴ ATENÁGORAS, 2010.

⁵⁵ Racionalmente falando, é mais fácil alguém ressuscitar do que nascer, ou seja, é menos custoso o que já é continuar a ser do que o que não vir a existir. Séculos depois, este argumento seria reaproveitado por Pascal em sua apologia da fé cristã.

⁵⁶ TACIANO, 2010, p. 76.

demonstra que os apologistas não aceitaram passivamente os conceitos filosóficos correntes.

Considerações finais

Após a análise realizada acima, é preciso ratificar a clara familiaridade dos apologistas cristãos em relação aos sistemas filosóficos de sua época. Assim, revela-se bastante frágil do ponto de vista histórico a ideia que sustenta a alienação cultural dos defensores da fé evangélica. O estudo atento de suas obras confirma que o seu conhecimento das filosofias de seu tempo era no mínimo razoável. Basta ver o modo como Justino apresenta as minúcias doutrinárias do Estoicismo e do Platonismo ou mesmo a perícia com a qual Teófilo confronta as contradições existentes entre os vários filósofos gregos; basta ver com Taciano nos conta detalhes sobre a vida dos mais ilustres filósofos. De fato, é preciso muita coragem para afirmar que alguém com um Atenágoras, capaz de especular sobre a distinção platônica entre sensível e inteligível, não possuía conhecimento filosófico. Mesmo aqueles que não eram favoráveis à conciliação entre teologia e filosofia, que viam o conhecimento filosófico como uma perversão da fé, sabiam que precisavam conhecer, mesmo para não crer.

O exemplo dos apologistas nos leva a duas conclusões importantes. Em primeiro lugar, o estudo de suas obras demonstra que, em muitas circunstâncias, é possível conciliar teologia e filosofia. Quando razão e fé estão engajadas na busca pela verdade elas podem dar as mãos mutuamente, sabendo que o seu esforço é divino. Contudo, em segundo lugar, quando o conhecimento filosófico não servir à teologia, isso não exclui o teólogo de sua responsabilidade de conhecer tal ensinamento. Ele poderá ser um crítico da filosofia, mas sua crítica precisa ser fundamentada, nem que seja apenas por uma questão de honestidade intelectual. Costumamos criticar implacavelmente pessoas que descartam o Cristianismo adequado de suas crenças e, às vezes, incorremos no mesmo equívoco. Os apologistas nos ajudam a evitar esta tendência.

Referências

ARISTIDES. *Apologia*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ATENÁGORAS. *Petição em favor dos cristãos e Tratado sobre a ressurreição*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BETHUNE-BAKER, J. F. *An introduction to the early history of Christian doctrine: to the time of de Council of Chalcedon*. 2. ed. London: Methen & Co. Ltd., 1903.

CARTA A DIOGNETO. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HÉRMIAS. Escárnio dos filósofos pagãos. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e Paidéia grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.

JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias e Diálogo com Trifão. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Justino de Roma*. v. 3. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Exodus, 1997.

LANE, T. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*. v. 1. São Paulo: Abba Press, 1999.

LELOUP, J.-Y. *Introdução aos "verdadeiros filósofos": os padres gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MATOS, A. S. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MATSUMOTO, M. *São Paulo e os problemas do paganismo: ensaio sobre a cultura helênica em relação à pregação de São Paulo e temas polêmicos*. Belém: UFPA, 2002.

MCGRATH, A. E. *Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

PLATÃO. Fédon. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova cultural, 2004.

SÊNECA. Da tranquilidade da alma. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

TACIANO. *Discurso contra os gregos*. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

TEÓFILO. Três livros a Autólico. In: COLEÇÃO PATRÍSTICA. *Padres apologistas*. v. 2. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.